



150 anos do Zé Povinho



O **ZÉ POVINHO** faz este ano, por estes dias, 150 anos.

Nasceu do génio e do lápis litográfico de **RAFAEL BORDALO PINHEIRO** no dia 12 de Junho de 1875, nas páginas de “*A Lanterna Mágica*”, a publicação crítico-satírica que Bordalo dirigiu com Guilherme de Azevedo e Guerra Junqueiro.

Nasceu *“esperto e matreiro, sem moral nenhuma; se pudesse trepava para as costas dos que o cavalam a ele. Não gosta de trabalhar (tem cólicas às segundas-feiras) e prefere resignar-se do que combater. O manguito é o seu gesto filosófico perante os desacertos do mundo”*.

“O Zé Povinho olha para um lado e para o outro e... fica como sempre... na mesma”, disse dele o seu autor.

E assim continua, passados que são 150 anos. Na mesma. Não ata nem desata; não envelhece nem se desfigura; está *cada vez mais igual a si próprio*. Como referiu Ramalho Ortigão, na legenda do seu retrato no *Álbum de Glórias*, ***“Um dia virá talvez em que ele mude de figura e mude também de nome para, em vez de se chamar Zé Povinho, se chamar simplesmente Povo. Mas muitos impostos novos, novos empréstimos, novos tratados e novos discursos correrão na ampulheta constitucional do tempo antes que chegue esse dia tempestuoso”***.

Mas como *amanhã não será ainda a véspera desse dia*, o que nasceu como caricatura grotesca e pouco lisonjeira cristalizou, *sem mudar de figura*, num ícone *naturalizado* pela posteridade. E o **Museu Rafael Bordalo Pinheiro** de Lisboa está a preparar uma exposição, que inaugurará este

ano, onde figurarão não só os Zé Povinhos de Bordalo, mas todos os outros Zés que se seguiram – desde o Zé *Queres Fiado, Toma!*” de todas as tascas, aos Zés de muitos outros cartunistas e autores; e até está a pedir a quem possua desenhos ou outras representações pouco comuns do Zé que lhas faça chegar.

E, no entanto, de entre todas as criações magistrais do grande Bordalo, o **Zé Povinho** seria decerto aquela que o próprio autor não se importaria nadinha que tivesse ficado mais datada, mais circunscrita ao seu tempo e circunstância, mais ultrapassada pela voragem da história e pela natural evolução das consciências.

A **Passarola** junta-se, como é óbvio, às comemorações deste aniversário, mas celebra sobretudo o génio do seu criador: o único artista conhecido que enquanto desenhava sem dó nem piedade todos os políticos e potentados do seu tempo em todas as posições risíveis imaginárias também fez – do mesmo modo inflexível, corajoso e desassombrado – um retrato tão fiel e *bem-acabado* do seu próprio povo que continua, passados 150 anos, tão estranha e definitivamente igual a si mesmo que o próprio não só ainda se revê nele – no mesmo transe hipnótico de *espertice* apatetada que é a sua atitude filosófica perante os desacertos do mundo – como o reivindica *alegremente* com entranhada e visceral *identificação*.

O retrato do Zé é, naturalmente, da autoria de Rafael Bordalo Pinheiro e é o nº 32 do seu “Álbum de Glórias”, publicado em Setembro de 1882.

*O retrato do grande Bordalo é um desenho de Fernando por **Fernando Campos**.*

É NECESSÁRIO ACREDITAR NA TRINDADE?

É NECESSÁRIO ACREDITAR NA TRINDADE? PODE-SE? Serve para algo? Não é uma construção intelectual necessário acreditar na Trindade? desnecessária? Será que muda a nossa fé de alguma forma se não crermos no Deus trinitário? Há dois séculos, o famoso filósofo Immanuel Kant escreveu estas palavras: «Do ponto de vista prático, a doutrina da Trindade é perfeitamente inútil».

Nada poderia estar mais longe da verdade. A fé na Trindade muda não só a nossa visão de Deus, mas também a nossa compreensão da vida. Confessar a Trindade de Deus é crer que Deus é mistério de comunhão e de amor. Não é um ser fechado e impenetrável, imóvel e indiferente. A sua misteriosa intimidade é apenas amor e comunicação. Consequência: no fundo último da realidade, dando sentido e existência a tudo, não há nada senão Amor. Tudo o que existe vem do Amor.

O Pai é o Amor original, a fonte de todo o amor. Ele começa o amor. «Só ele começa a amar sem motivo; mais, é Ele quem desde sempre começou a amar» (Eberhard Jüngel). O Pai ama desde sempre e para sempre, sem ser forçado ou motivado de fora. Ele é o «amante eterno». Ama e continuará sempre a amar. Nunca nos retirará o seu amor e fidelidade. Dele só brota o amor. Consequência: criados à sua imagem, somos feitos para amar. Só amando é que conseguimos existir.

O ser do Filho consiste em receber o amor do Pai. Ele é o «Eternamente Amado», antes da criação do mundo. O Filho é o Amor que acolhe, a resposta eterna ao amor do Pai. O mistério de Deus consiste, pois, em dar e também em receber amor. Em Deus, deixar-se amar não é menos do que amar. Receber amor também é divino! Consequência: criados à imagem desse Deus, somos feitos não só para amar, mas para sermos amados.

O Espírito Santo é a comunhão do Pai e do Filho. Ele é o Amor eterno entre o Pai amoroso e o Filho amado, o que revela que o amor divino não é posse ciumenta do Pai nem açambarcamento egoísta do Filho. O verdadeiro amor é sempre abertura, dom, comunicação transbordante. Por isso, o Amor de Deus não se fica em si mesmo, mas comunica-se e estende-se às suas criaturas. «O amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado» (Romanos 5,5). Consequência: criados à imagem desse Deus, somos feitos para nos amarmos uns aos outros, sem acumular e sem nos fecharmos em amores fictícios e egoístas.

JOSÉ ANTONIO PAGOLA